

“REINAR É UMA COISA PERIGOSA AO REI E A TODO SEU POVO”: O REI LEÃO, A DONA RAPOSA E AS MANIFESTAÇÕES DE PODER EM *EL LIBRE DE LES BÉSTIAS*.

“REIGNING IS A DANGEROUS THING TO THE KING AND ALL OF HIS PEOPLE”: THE LION KING, RENARD THE FOX AND THE MANIFESTATIONS OF POWER IN THE *BOOK OF THE BEASTS*.

Crislayne Fátima dos SANTOS*

RESUMO: Teceremos neste artigo algumas considerações sobre as múltiplas facetas do poder na obra *El libro de las Béstias* de Ramón Llull (1232-1316). Aos olhos despercebidos, pode tratar-se de uma história desprezível sobre uma sociedade de bestas que desejam eleger um rei. Mal sabem estes olhos desatentos que Llull ilustra o cenário político de sua época através de uma animalística perspectiva particularíssima, fruto de sua figura ímpar. Dentre os vinte e dois animais que a compõem, selecionamos dois para esta análise, o rei Leão e Dona Raposa e, caminhando entre esses personagens, evidenciamos o caráter multifacetado do poder que surge desde a natureza carnívora do Leão às práticas discursivas de Dona Raposa. Através de suas linhas, descortinasse ao leitor uma sociedade que, corrompida pelo poder e seus excessos que reclama por uma reforma em seus pilares. Há estas facetas nos debruçar-nos-emos.

Palavras-chave: Poder; Ramón Llull; animalística; *El Libro de las Béstias*.

ABSTRACT: In this paper, we will write some considerations about the multiple facets of power in Ramón Llull's work *The Book of the Beasts* (1232-1316). To unnoticed eyes, it may be an unpretentious story about a society of beasts who wish to elect a king. These inattentive eyes barely know that Llull illustrates the political scene of his time through a very particular animalistic perspective, fruit of his unique figure. Among the twenty-two animals that compose it, we selected two for this analysis, the Lion King and Renard the Fox and, walking among these characters, we show the multifaceted nature of the power that emerges from the carnivorous nature of the Lion to the discursive practices of the Fox. Through its lines, a society which is corrupted by power and its excesses claims for a reformation in its pillars is revealed to the reader. These are the facets that we will address in this paper.

Keywords: Power, Ramón Llull, animalistic, *The Book of the Beasts*.

* Licenciada em História e Especialista em Religiões e Religiosidades pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestranda em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) câmpus de Assis, Assis, SP – Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: crislaynefanjos@gmail.com.

Introdução.

Durante os oitenta e quatro anos de sua vida, o pensador maiorquino Ramón Llull (1232-1316) dedicou quarenta e cinco destes a promoção da palavra de Deus e a conversão dos não-cristãos. Ao longo destes anos, escreveu inúmeras obras, dentre elas o *Libro de las Béstias*¹, fonte deste trabalho. A obra llulliana compõe sua *Magnum opus* intitulado *Félix* ou *Livro das Maravilhas*, concebida, aproximadamente, entre os anos de 1288-1289 em sua primeira estadia na corte de Felipe, o Belo em Paris (JIMÉNEZ, 2004, p.80). Obra enciclopédica divide-se entre os temas que versam sobre o universo medieval² e a exceção do *El Libro de las Béstias*, os nove livros são narrados por Félix, o protagonista que dá nome à obra, que parte em busca de descobrir os motivos que levaram os homens a desamar a Deus. Para Costa (2009, p.06) o caminho percorrido por Félix é “cosmogônico, pois ilustra a ordem da criação, onde o próprio mundo e todas as coisas existentes são entendidos como expressão viva da obra de Deus”. Miquel Batllori considera o personagem uma extensão metafórica e literária de Llull, quando o mesmo se converte³ e inicia sua vida missionária (COSTA, 2009).

Hillgarth (1996, p. 971) aponta que a principal diferença entre Llull e os escolásticos de seu tempo como, por exemplo, Roger Bacon (1214-1294) e Tomás de Aquino (1225-1274), baseiam-se, a princípio, por sua educação em Maiorca⁴. Ramón nasceu em 1232, descendendo de nobre família barcelonesa que contribuiria para a conquista da ilha em 1229, por Jaime I, que estava sobre domínio mulçumano⁵, tendo este apoio rendido benesses à família do pensador. A população mulçumana, agora escrava, permaneceu, e as importantes comunidades judaicas, acrescidas, resultaram à coroa de Aragão uma população proporcionalmente superior aos cristãos. Estima-se que nos territórios aragoneses⁶, os não-cristãos constituíam mais de 250.000 de um total de 900.000 pessoas (HILLGARTH, 1996, p.967).

A ilha, geograficamente privilegiada, era rota entre a Espanha e o norte da África, além de ser percurso natural de Gênova, no norte da Itália, ao sul da Espanha (HILLGARTH, 1996, p.971). Paralelamente, a política expansionista da Coroa de Aragão após a reconquista possibilitou a Llull viagens contínuas com suas missões ao Mediterrâneo, especialmente a África do Norte mulçumano (SÁNCHEZ, 1998). Para Hillgarth (1996, p.968) Llull representa, em uma escala individual, a expansão de um

novo e confiante cristianismo, em consonância com as problemáticas que surgem na última parte do século XIII.

O islamismo foi, no século XIII, o maior desafio para os pensadores cristãos e para Llull centro de suas atividades missionárias. Ramón era consciente das dificuldades que os mulçumanos enfrentavam após a conversão. Isto significava a perda de sua comunidade e, frequentemente, de suas possas, paralelo ao contínuo desprezo exprimido pela sociedade cristã.

Ao longo da vida e de seus intensos esforços missionários, a preocupação pela salvação das almas e da humanidade sob a égide de um único Deus, o cristão, sempre o acompanhou. Esta conquista seria possível através do caminho da conversão⁷. Para isto, eram necessários a realização de um trabalho missional que exigia uma exposição da fé cristã através e argumentos verossímeis. Somente existe uma religião salvífica, mas não se abandona uma fé pela outra sem estar convencido de suas verdades (DOMÍNGUEZ REBOIRAS, 1987, p. 02). Imprescindível para o êxito seria o reconhecimento das classes dirigentes sobre a importância e viabilidade da conversão dos infiéis, uma vez que, sem seus auxílios na ajuda para propagá-la, este instrumento seria infrutífero. Na busca pela unidade através de uma única fé, era preciso converter primeiramente os infiéis e, depois, os cristãos⁸. O sucesso da proposta de reforma social luliana contemplar-se-ia em uma cristandade educada na religião, iniciando-se pelos príncipes em consonância com a conversão dos infiéis pelo diálogo, pela razão⁹. (COSTA, 2009, p.03).

Devendo a conversão ser realizada através de um diálogo racional, Llull insistiu na preparação intelectual dos missionários por meio da fundação de escolas que ensinassem as línguas árabe e hebraica, cujo aprendizado, conceberia o projeto missionário-apologético através de um diálogo inter-religioso. Em 1287, com o intuito de propor ao Papa e aos cardeais a implantação de escolas missionárias, viaja a Roma. Contudo, ao chegar, é informado que o papa Honório IV (1210-1287) havia falecido; dirige-se, então, à França para a corte de Felipe, o Belo com o mesmo propósito (COSTA, 2009, p.10).

“*Félix* é uma novela de crítica social¹⁰” (COSTA, 2009, p.07) e o *El libro de las Bestias*¹¹ uma narrativa crítica aos detentores do poder. Através do processo de eleição que se discorre em uma sociedade de bestas¹², Llull apresenta ao leitor “um modelo naturalista de conduta para o homem” (JÍMENEZ, 2010, p.322) que, por trás de sua escrita simples, introduz uma narrativa aprofundada da realidade dos bastidores da vida social, apresentando as mazelas que circundam o mundo dos homens, que padecem

mediante a sensibilidade descomedida quando dissonantes de sua racionalidade. *El libro de las bestias* exprime, através de *exemplas*, as reais pretensões através do mundo animal em consonância com a clareza argumentativa da realidade da sociedade humana, sociedade está que carece de grandes reformas (RAMÍS SERRA, 1991, p.150).

Com o intento de alertar aos governantes para se preservarem dos maus conselheiros e exprimir as qualidades que os mesmos devem possuir para exercerem com êxito sua posição, Llull esmiúça a própria deterioração do rei mediante a face obscura do poder. A proposta de Ramón versa que o governante trabalhe com generosidade e virtude acima de seus interesses particulares, expondo-a através das atitudes do rei Leão que, para além da influência de Dona Raposa, revelam o caráter corrompido de um governante, precisamente para o que Llull atenta que se tenha cuidado.

O Rei Leão e Dona Raposa: as múltiplas facetas do poder em El libro de las Béstias.

A narrativa inicia-se com um breve prólogo onde o narrador Félix é informado que, em uma planície próxima, inúmeras bestas estão reunidas com o objetivo de eleger um rei. Félix, então, dirige-se a este lugar e passa a condição de narrador-observador na obra que se divide em oito capítulos.

Após breve apresentação, a obra inicia-se com a eleição predisposta do Leão¹³. Opondo-se a elegibilidade, o Boi argumenta que:

[...], a la nobleza del cargo conviene añadir la gallardía de la persona; y por eso es menester que el que elijamos, al mismo tempo que sea hermoso y de respetable corpulência, sea humilde por su carácter, y que considere a sus súbditos y no les infiera el menor daño. El León, a quien tratáis de elegir, no es de grande estatura, ni muy corpulento, y hemos de tener presente que no vive de hierbas, sino de la carne de los animales que persigue; y tiene además una voz, y ruge de una manera, que a todos nos estremece.(LLULL, 1983, p.13).

Percebe-se que governar não se resume apenas ao âmbito da credibilidade popular, como não se restringe também apenas a investidura. A eleição precisa ocorrer democraticamente entre seus iguais¹⁴ e o rei só possui verdadeiramente seu título a partir do momento em que é reconhecido (RAMÍS I SERRA, 1991, p.151). Além do mais, o Boi sugere a nobreza como virtude régia, unida a beleza de pessoa e humildade, não prejudicando seu povo. Este último, alerta para a estratificação social existente simbolizada pelo plano alimentar. A premissa argumentativa do Boi consiste que, a partir da eleição do Leão, apenas a classe de carnívoros se beneficiariam socialmente do

resultado e que, conseqüentemente, servir-se-iam dos socialmente inferiores, os herbívoros.

Estabeleceram-se nas mentalidades no medievo intrínsecas relações entre a alimentação e o estilo de vida, expressões materiais de uma específica condição social, onde a carne figurou-se em um meio de adquirir força, associando-se a mentalidade guerreira e com a imagem belicosa das caçadas aristocráticas. “A força – esse indispensável atributo de poder – depende não só do tipo de alimentos ingeridos (a força é, então, identificada à carne), mas, também, da quantidade de alimento que se come” (MONTANARI, 1998, p.294). A mesa tornou-se forte elemento de identidade coletiva¹⁵ e, mesmo portadores de valores distintos, ambos os grupos partirão do mesmo princípio, o alimentar, fisiologismo este no qual Dona Raposa embasará seus argumentos insidiosos.

Percebendo o prolongamento devido à indecisão gerada pelo argumento do Boi, Dona Raposa, perspicazmente, contrapõe:

Hábeis de saber que en una iglesia catedral trataban, em certa ocasión, de elegir o bispo, y disputábase mucho y com gran empeño, em aquel cabildo, sobre cuál debía ser la persona elegida. Los capitulares estaban divididos. Sostenían unos la elección del *sagrista* de aquella iglesia que era hombre muy entendido, de muchas letras, y adornado de grandes virtudes; mientras que el *arcediano*, alentado por otros, aspiraba también al bispado; y lo mismo acontecia con el *capiscol*. Mas, viendo los dos últimos que sus votos no podían prevalecer, combatían de tal suerte la elección del *sagrista*, que antes que a éste prefirieron apoyar a un simple canónigo, que si era gallardo y de hermosa presencia, em cambio no tenía instrucción alguna, además de la circunstancia de ser tan flaco de espíritu como libidinoso. Maravillóse de esto todo el cabildo, y uno de los capitulares dijo entonces:

-Si el León llega a ser rey después de haberle combatido el Oso, el Leopardo y la Onza, difícil será que vuelvan éstos a su gracia y estarán siempre con él malquistos; si lo es Caballo y el León, contra él se subordinan, como aquél há de poder castigar y reducirle a su obediência, siendo menos bravo y de no tanta fuerza y valentia? (LLULL, 1983, p. 15).

Particularíssimo argumento este a começar pela reviravolta do expoente. Dona Raposa transporta sua realidade para o interior da *mater ecclesia* “ventre fecundo gerando um após o outro os detentores do poder espiritual” (DUBY, 1992, p. 15). Fruto deste ventre, o bispo, alto dignitário religioso é convocado a exercer o poder regulador derivado de sua própria origem, a alta nobreza. A passagem ressalta as qualidades de um dos candidatos, intelectualizado e virtuoso, em detrimento do outro, belo de pessoa,

mas pobre de conhecimento e de espírito. Invertendo o cenário, trás o exemplo para o cerne do processo eleitoral, onde consagra o poder e a força como atributo régio essencial nas figuras do Cavalo e do Leão que, sendo o primeiro eleito, subordinar-se-ia ao segundo em um confronto por não possuir tais adjetivos. A honra é uma das qualidades e virtudes que o bom governante deve cultivar e a este propósito Varneda afirma que é prejudicial ao povo quando envergonham seu governante, pois sua honra consiste na honra de seus governados (apud CHIMENTO, 2010, p. 394). Dona Raposa ressalta a importância de se ter um governante que represente autoridade, nos seus mais amplos aspectos, para seus súditos e inimigos. Amedrontados e temendo pela ira do Leão, as bestas, que antes hesitantes, consentem a eleição do carnívoro.

Eleito rei, o Leão começa a expressar os primeiros sinais abusivos de sua conduta, ao conceder aos carnívoros o direito de se alimentar dos animais de vivem de ervas, em resposta aos apoios e serviços prestados durante a eleição. O próprio rei alimenta-se dos filhos do Cavalo e do Boi após uma reunião com seus barões. Este ato resulta na partida dos dois animais que, enfurecidos, presenteiam-se ao homem com intento de vingança, porém, tornam-se subjugados e forçados a trabalhos penosos¹⁶. (LLULL, 1983, p. 16-18).

A partir do século XII os filósofos começaram a atentar para a importância de se estudar o mundo natural, necessidade está imprescindível para que, pela natureza, o homem descobrir-se-ia a si próprio e caminharia para a compreensão da ordem divina e do próprio Deus (CHAMBEL, 2014, p. 15). O mundo animal refletia a sociedade humana, sobretudo, ao que concernia a sua moral e, sob os pilares de humildade, lealdade, justiça e paz, o conselho do rei constituir-se-ia de membros que não se corrompessem pelo poder. Elemento este que configura o poder real, os conselheiros são umas das grandes preocupações de Llull, pois reinar é um ofício de “sérios peligros, y es muy trabajoso y difícil” (LLULL, 1983, p. 19). Sabedoria e fidelidade são características fundamentais do Conselho desta obra delineada pelas preocupações morais e sociais do filósofo. A originalidade de *El libro de las Béstias* não se encontra em analisá-lo pelo aspecto ideológico, mas sob a ótica dos comportamentos; em primeiro plano, a eleição do rei e depois, o governo, o saber atuar no âmbito do poder (JÍMENEZ, 2008, p. 329).

Definido os conselheiros do rei, Dona Raposa inicia suas maquinações a fim de derrubá-lo, pois não havia galgado nenhum cargo em seu Conselho. Salienta-se, o argumento raposino é de eloquência invejável. Seu discurso não se atrela a uma

específica classe social, alternando-se no discorrer da história. A princípio, revelam-se seus interesses espúrios na eleição leonina onde, mediante seus argumentos, faz-se predominar os interesses carnívoros sobre os herbívoros. Não logrando êxito esperado pela elegibilidade do Leão, aproxima-se do Elefante e incita-o a traição. Suas intrigas realizam-se em uma hábil escalada para as nascentes do poder e, em sua figura, centra-se o papel principal em oposição às virtudes lulianas.

Nesta sequência, desenrolasse um dos pontos chaves da narrativa, crítica eminente à vida e cultura palaciana. O poder do rei Leão de trazer equilíbrio e justiça a sua sociedade conduz-se em ações obscuras que sobrepujam seu governo. O pior de seus abusos, crucial a seu governo ocorre durante a estadia de seus mensageiros, o Leopardo¹⁷ e a Onça¹⁸ no reino dos Homens, que desencadeia o princípio da desestabilidade.

A derrocada leonina inicia-se no capítulo V da obra luliana, “De la Embajada del Leon al rey de los Hombres” (LLULL, 1983, p. 49-64) onde, a princípio, o Leão instrui seus conselheiros e embaixadores da importância de sua missão. “La sabiduría del soberano se revela por la sabiduría y los méritos de sus embajadores, por la palabra discreta y persuasiva de éstos por la madurez de sus consejos, por la forza conciliadora de sus razonamientos.” (LLULL, 1983, p.49). Em primeiro lugar, ao descrever a atuação dos embaixadores, explica-se pormenorizadamente o significado de representar alguém, o que consiste em atuar sob os pressupostos de seus objetivos (JÍMENEZ, 2004, p. 86).

Sob a perspectiva sociopolítica, Lull concentra nesta anedota sua crítica mais explícita. A visita diplomática revela uma corte infame¹⁹. Os embaixadores animais elevam a consciência crítica do deplorável estado do reino dos homens, criaturas estas anteriormente descritas pelo Boi como de grande maldade e atroz²⁰. Os mensageiros ficaram dias há espera da recepção do rei dos Homens, sendo este, conhecido por estas ações devido a sua falta de humildade e a exacerbação de seu ego, elevado por seu nobre poder.

Llegados allí, entraron en un gran salón hermosísimamente decorado, em donde se sentaron el rey y la reina, gran número de damas, caballeros y gentiles-hombres; y enfrente del rey fueron colocados los embajadores. Mientras comiendo estaban, gran número de juglares²¹ iban de um extremo al outro del salón, uno tañendo habilmente variados instrumentos, y otros cantando trovas y decires levianos y deshonestos, contrários tanto a las conveniências del buen trato como

a las enseñanzas de la educación y del decoro. (LLULL, 1983, p. 54-55).

Perplexo com o que presencia, o Leopardo afirma que “prefiro mucho más ser irracional, y volver después de esta vida a la nada, de donde salí al venir al mundo, a ser rey de los hombres caído en el lodazal de la culpa, [...]” (LLULL, 1983, p.62). Em consonância a estes fatos, no reino das Bestas o Leão é persuadido por Dona Raposa sobre a beleza da consorte do Leopardo. Na plenitude de sua luxúria e de sua autoridade, o Leão toma para si a Leoparda, consumando a traição e cometendo o adultério.

[...] corrió el Leopardo a su albergue, creyendo em él encontrar la tierna acogida y los halagos de sua amada esposa. La Comadreja y todos los de la familia del Leopardo se pusieron muy tristes cuando vieron a su señor, y hubieron de referirle la mortal ofensa que le había hecho el rey al atentar contra el honor de su esposa, consumando el más negro y violento de los crímenes. (LLULL, 1983, p. 63).

As consequências do despotismo praticado pelo rei Leão que, intoxicado pelo poder, manifesta a deterioração de sua integridade interior, padecendo perante a sensibilidade de sua devassidão e sinalizando a perda de seu discernimento, refletem o ato de traição contra seu fiel servidor muito pior que o adultério. Lull expõe ações semelhantes nos dois núcleos de poder, no reino dos Homens e no reino das Bestas, revelando a contradição existente entre o que se propõe da função régia e realidade em uma crítica as classes superiores, as quais exige uma conduta paradigmática, pois devido ao peso de sua conduta deve ser fiel espelho onde se refletem as virtudes e os vícios (RAMÍIS I SERRA, 1991, p. 160). Consequência da maior responsabilidade do soberano é a concepção de que o príncipe virtuoso torna o povo virtuoso, enquanto o corrupto o corrompe (CHIMENTO, 2010, p. 393).

Al decir esto, llegó a su colmo la ira del Leopardo. La fidelidade de su consorte se la multiplicaba. Mucho menos hubiera sido su quebranto si ésta no se hubiese resistido a los deseos del rey o hubiese demostrado alguna vanidad por aquella preferencia. En fin, el Leopardo, a meditar los medios de tomar una venganza mortal de la infame traición que el rey le había aí hecho. (LLULL, 1983, p. 64).

Dona Raposa percebendo a fúria do Leopardo ao chegar a Corte pede ao rei Leão que há aceitasse em seu Conselho, pois sendo próxima do monarca não teria o Leopardo coragem de aproximar-se para matá-la (LLULL, 1983, p. 65). A história desenrolasse em uma espetacular ascensão ao poder da débil e astuta Raposa, símbolo da traição e deslealdade (RAMÍIS I SERRA, 1991, p. 163). O temor que Dona Raposa impõe de si aos demais se manifesta nas qualidades que lhe são atribuídas por sua

sabedoria no poder da fala maestrina. Esta é uma das preocupações de Ramón: à conservação das virtudes que, segundo ele, em seu esquecimento, possibilita que a mentira se sobressaia e prevaleça. Na perspectiva luliana, a reconquista da consciência através das boas ações²² constituiriam os alicerces da sociedade. Há esta abnegação, o poder da palavra²³ raposina simboliza a mentira que, mascarada de verdade, se sobressai e impera.

O Leopardo acusa seu senhor de traição “uno de los delitos más aborrecidos de Dios” (LLULL, 1983, p. 66). Em um confronto com a Onça, que se disponha a lutar pelo sei rei em um duelo, vence-a sem matá-la. Mediante tamanha vergonha pela desonra advinda do adultério, o rei Leão, em um acesso de fúria, mata o Leopardo em meio à inconsciência de sua culpa. O medo da culpa vem, constantemente, apontado por Llull como a deficiência mais contundente do cristão aos seus deveres (CHIMENTO, 2010, p. 394). Todo advento descrito no capítulo V da obra luliana encenam, através dos animais, a real ficção de como é o homem em uma sociedade em crise. A ausência de virtude no rei Leão desencadeia sucessivas ações que terão seu ápice no assassinato do Leopardo e, conseqüentemente, na aversão de seus súditos. “El León empero, preocupado con la enormidade de su crimen y aterrado com la muerte del Leopardo, había perdido mucho de sua ingenio y de su penetración” (LLULL, 1983, p. 70).

A figura leonina representa a face obscura das competências negativas que indiscriminável acompanham o poder. Os animais não possuem sentido moral, pois em seu reino dominam a lei do engano do poder nocivo e interesseiro; toda a obra se apoia nesta esfera imoral, no reflexo do comportamento perverso de Dona Raposa que rivaliza com a desrazão, que caracterizam o Leão. (JÍMENEZ, 2004, p. 90).

Com o prolongamento da história, o leitor pode pensar que a influência de Dona Raposa e os excessos do Leão nunca se findaram; enganam-se. As fraquezas também atingem a besta que sentirá em sua própria carne o preço da traição, através dos mecanismos de medo que exercia. Aproveitando-se do cenário deteriorado após o leoparcídio, Dona Raposa dá continuidade aos seus planos de matar o rei Leão e aproxima-se do Elefante²⁴ incentivando-o à morte do monarca que recusa a proposta por sua consciência e a denúncia, emergindo o espírito de fidelidade que triunfa (COSTA, 2009, p. 10). Dona Raposa é ávida pelo poder que não detém e que só conseguiria alcançar através de terceiros, por meio de traições, perversidade e deslealdade. O Leão conscientizou-se que Dona Raposa era ardilosa por natureza e, com exímia oratória, persuadia a todos com seus argumentos. Averiguando o alerta, o Leão intima o Javali, o

Coelho e o Pavão para confirmarem a traição de Dona Raposa e, em concordância, atestam a denúncia do Elefante.

[...] dio un rugido espantoso, que recordánsoles la superior pujanza del real que cuanto pudiera tenerles calados o remisos el temor al Zorro. Y aun no extinguido el eco del terrible rugido, mandóle el rey outra vez airadamente que declarasen la verdade. Aterrados el Conejo y el Pavón y no pudiendo contenerse, confesaron de plano. El rey entoneces abalanzóse sobre el Zorro, y por sí mismo le quitó la vida. (LLULL, 1983, p. 89-90).

A morte de Dona Raposa pelo rei Leão ao final da história luliana não é simplesmente previsível. Sua morte simboliza a reimplantação da semente da justiça para que a mesma sirva-se de modelo para a sociedade real. Dona Raposa e a corte dos Homens representam a realidade e a crise que devem ser superadas com a restauração da lealdade, que se baseiam na aceitação da hierarquia, da respeitabilidade e do senhorio. A partir desta compreensão, poder-se-ia superar as crises e reinstaurar um reino justo. (RAMÍIS I SERRA, 1991, p. 155).

O estrondoso urro do Leão é a expressão de libertação do corrompido ambiente figurada no personagem raposino, mas é também símbolo do desnudamento de sua astúcia por outros que partilharam de suas argúcias e que reconheciam seus perigos. O ataque do rei expõe as emoções norteadas pelo ressurgimento da virtude e não mais pelo despotismo de governo, mas pelo poder que a verdade produz a prevalecer. Os exemplos narrados em *El libro de las Béstias* possuem o sentido moralizante que, esboçado na perversidade de Dona Raposa, o homem que se corrompe ao chegar ao poder, sirvam de exemplo para que os reis estejam em alerta com relação a seus conselheiros (COSTA, 2009, p. 17).

O fim trágico de Dona Raposa, que morre em meio à vergonha de suas trapaças, sinaliza aos subversivos que o poder que se estabelece é o do monarca e por suas mãos resultam seus castigos. Mais que um alerta aos governantes para terem cuidado com seus conselheiros, Lull ressalta os perigos dos vícios sociais que circundam, em particular, a vida e o cotidiano palaciano. Ao fim da obra, o reino das Bestas desfruta de tempos tranquilos e a narrativa retorna as mãos de Félix que, dando segmento em sua jornada, transporta consigo uma valiosa descrição de sua sociedade, pontualmente dirigida aos governantes e notoriamente embasada nos aspectos históricos e na perspectiva sociopolítica.

Considerações Finais.

A antropologia e sociologia do Livro das Bestas implicam em uma ética de virtudes, cuja dialética tem por núcleo central a nobreza, lealdade e justiça frente à deslealdade e traição (RAMÍIS I SERRA, 1991,163). Em *El libro de las Béstias*, Ramón falará metaforicamente de suas ambições. Através de suas linhas descortinasse ao leitor uma sociedade que, corrompida pelo poder e seus excessos, necessita de um reforma, não apenas uma reforma externa, mas, sobretudo, interior. O maiorquino mostrará porque os homens deixaram de amar e conhecer a Deus, construindo uma sociedade de caráter antropocêntrico, onde a natureza tem seu conceito distorcido e passa a ser pensada como criação para o usufruto do homem, e não mais para que, através dela, encontre a Deus.

-Señores: Cuando creó Dios el mundo, no lo creó seguramente com el objeto de que el hombre fuese conocido y amado; muy al contrario, lo hizo para que em el mundo le amase el hombre a él y le conociese. Por esto dispuso que los animales estuviesen al servicio de la criatura humana, por más que ella se alimente al mismo tiempo de carne y hierbas. (LLULL, 1983, p.14).

O argumento raposino ilustra uma política submetida naturalmente ao mais forte. Dona Raposa adverte em suas palavras que a sociedade de Bestas não deve seguir seus interesses e que, mesmo sendo prejudicados, remetendo as disparidades sociais, devem seguir os interesses de Deus (JÍMENEZ, 2004, p. 91). Há um paralelismo; os animais são a estes o que os humanos a Deus e sendo os reis personagens sagrados, suas responsabilidades em suas posições sociais devem trabalhar para o benefício do bem comum (DOMINGUEZ REBOIRAS, 1987, p. 09). Nesta sociedade hierarquizada segundo a “ordenação divina”, pode-se argumentar que as classes dominantes são a maior preocupação de Llull.

Após a morte de Dona Raposa, o rei Leão convida o Elefante e o Javali para comporem seu conselho. Esta atitude reflete uma das propensões de Llull sobre as necessidades de sua reforma, onde objetivava a participação ativa de todas as camadas, desde príncipes, clérigos e cavaleiros até os mercadores, artesãos e marinheiros. (HILLGARTH, 1996, p. 976).

Uma simples análise do livro possibilita refletir sobre a aprendizagem que os homens podem ter através dos animais, que usam de suas aptidões em consonância com suas qualidades naturais (JÍMENEZ, 2004, p. 91). Em vida, Llull trabalhou ativamente para dar início há reforma em sua sociedade, mas na corte parisiense encontra-se cansado de ser rotulado como louco e ter suas ideias tachadas como utópicas. Seus

adversários afirmam que a humanidade encontra-se dividida em várias religiões por ordem de Deus e devido ao fruto dos pecados e mentiras dos homens. (DOMÍNGUEZ REBOIRAS, 1987, p. 10).

Seus escritos estão em consonância com as necessidades de seu tempo. Para além de ser um alerta aos governantes contra os maus conselheiros, *El libro de las Béstias* trata-se de um alerta sobre a conduta dos governantes que cegos pelo poder justificam suas ações mediante sua posição. A história delinea como a sociedade humana se afastou dos ensinamentos de Deus em meio aos pecados que a cercam e deixou-se governar por seus instintos, subjugando a imagem d'Ele em detrimento de sua própria. A obra é uma descrição e uma crítica à sociedade de sua época, sociedade pluralista em crenças e em classes sociais, e busca, através do príncipe e de seu conselho, a realização de uma nova ordem ético-social “para que o homem sirva a Deus”. (RAMÍ SERRA, 1991, p. 165).

Se em vida foi duramente criticado por suas ideias díspares, seu legado é inegável. Atemporal, a obra llulliana é ambiciosa a começar por seu mentor. Ramón Llull é uma figura ímpar que conheceu e vivenciou todos os níveis da pobreza humana. A esta herança de quarenta e cinco anos missionários, Llull construiu-se, sem almejar, uma figura moderna para sua época em alguns aspectos. O naturalismo presente em *El libro de las Béstias* não fez de Ramón um humanista, mas antecipou a compreensão moderna destes filósofos (JÍMENEZ, 2004, p. 92).

Se a proposta de Ramón Llull foi escrever uma obra que se constituísse como um manual político norteador para os príncipes (COSTA, 2009, p. 17), o pensador maiorquino nos forneceu descrições preciosas de suas concepções acerca da realidade em que vivia. As descrições de seus personagens versam desde os aspectos mais intrínsecos aos mais amplos que circundam a vivência humana. Em suas linhas alerta sobre os vícios que desfilam pela corte, ressalta as virtudes de um bom governante e delinea suas principais ideias reformistas. O fim da traiçoeira Raposa nos apresenta o caráter multifacetado do poder, que em uma linha tênue pode propiciar a deterioração a níveis nefastos como a ascensão libertadora.

Referências.

Fonte:

LLULL, Ramón. *El libro de las Béstias*. Tradução: Geroni Roselló. Barcelona: Teorema, 1983.

Bibliográfica.

- CHAMBEL, Pedro; MIRANDA, Adelaide. *Bestiário Medieval: Perspectivas de Abordagens*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2014.
- CHIMENTO, Francesca E. Il Félix e la Teoria Política de Raimondo Lullo: Spunti di riflessione. In: ARNAS, Pedro Roche (Org.). *El pensamiento político em la Edad Média*. Fundación Ramón Areces, Madrid, 2010, p.391-400.
- COSTA, Ricardo da. *A novela na Idade Média: o Livro das Maravilhas (1288-1289) de Ramón Lull*, 2009. Disponível: <http://www.ricardocosta.com/artigo/novela-na-idade-media-o-livro-das-maravilhas-1288-1289-de-ramon-llull>. Acessado em: 14/02/2018.
- DOMÍNGUEZ REBOIRAS, F. Idea y estructura de La Vita Raymundi Lulli. *Studia Lulliana* 27 (1), p.1-20, 1987.
- DUBY, George. *Idade Média na França (987-1460): De Hugo Capeto a Joana D'Arc*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- ECO, Umberto. *Idade Média: Bárbaros, cristãos e mulçumanos*. Alfragide (Portugal): Dom Quixote, 2010.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Eva Barbada: Ensaio de Mitologia Medieval*. São Paulo: EDUSP, 2010.
- HILLGARTH, J. Vida e Impotência de Ramon Lull em el contexto del segle XIII. *Anuario de Estudios Medievales*, nº26, p. 967-978, 1996.
- JIMÉNEZ, Julia Butiña. El libre de les bèstias de Lull y el comportamiento político. In: *Actas del V Congreso SOFIME sobre Pensamiento político en la Edad Media*, Universidad de Alcalá, 2008; coord. P. Roche, Fund. Ramón Areces, Madrid 2010, p. 321-332.
- JIMÉNEZ, Julia Butiña. Sobre el escandaloso “Libre de les bèstias” de Ramón Lull y su audiència. *Espacio, Tiempo y Forma*, serie III, t.17, p.79-94, 2004.
- MONTANARI, Massino. Estruturas de produção e estilos de alimentação. In: FLANDRIN, Louis; MONTANARI, Massimo. *História da Alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- PARDO PASTOR, Jordi. “Diálogo inter-religioso” ou “diálogo aparente” durante a Idade Média hispânica: Ramon Lull (1232-1316). Conferência proferida no *Centro da Cultura Judaica – casa de cultura de Israel* (São Paulo), no dia 28.07.2004.
- PASCUAL, Lúcia Martín. *La tradició animalística en la literatura catalana medieval*. Alacant, 1996.
- RAMÍ I SERRA, Pere. Ideologia y Utopía em el “Libre de les bèstias”. *Studia Lulliana*, nº31, 1991, p.149-165.
- RIERA-MELLS, Antoni. Sociedade feudal e alimentação (séculos XII-XIII). In: FLANDRIN, Louis; MONTANARI, Massimo. *História da Alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- SACHO CASABÓN, A.I. Los cargos de mayordomo, senescal y *dapifer* en el reinado de Alfonso II de Aragón. *Aragón en la Edad Media*, nº08, p.599-610, 1989.
- SÁNCHEZ, Esteban Sarasa. Aragón y su intervención militar en el Mediterráneo medieval. *Militaria: Revista de Cultura Militar*. Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid, nº 12, p. 31-48, 1998.
- VARANDAS, Angélica. A Idade Média e o Bestiário. *Medievalista*, ano 2, número 2, 2006. Revista on-line da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: < <http://www.fcsb.unl.pt/iem/medievalista/> >.

¹ Originalmente em catalão *El Llibre de les Béstias*. Para a escrita deste trabalho, utilizamos a tradução em espanhol: LLULL, Ramón. *El libro de las Béstias*. Tradução: Geroni Roselló. Barcelona: Teorema, 1983.

² Os temas apresentam-se: 1. Deus, 2. Anjos, 3. Céu, 4. Elementos, 5. Plantas, 6. Metais, 7. Bestas, 8. Homem, 9. Paraíso, 10. Inferno. O objetivo da obra é explícito, Ramón busca que seus pares conheçam a Deus, que o sirvam e o amem. (COSTA, 2009, p. 06).

³ Durante o reinado de Jaime II, Llull tornou-se senescal, ofício este que surgirá a partir da metade do século XII nos reinos da Península Ibérica que se tornaram palco de profundas transformações políticas, originadas da expansão territorial e conquista de novas possessões de domínio mulçumano. Esta extensão de influência a territórios mais vastos obrigou as monarquias ibéricas a adotar um sistema auxiliar para suprir as deficiências existentes nas relações entre o poder central e estas novas posses. Neste novo panorama surgiram os ofícios de *mayordomo*, oficial que, com a exceção dos condados catalães, atuará em todas as terras de reconquista aragonesas. O ofício de *senescal* surgirá paralelamente atuando em territórios sobre o domínio de influência da Coroa de Aragão. Ambos os cargos, por serem próximos a pessoa do rei, necessitam que seus representantes sejam de “alto linaje, importantes y destacadas dentro del territorio y sobre todo leales al reino y a su persona” (SACHO CASABÓN, 1989, p.599-600). Mas aos trinta anos, converteu-se, como descreve em *Vita Coëtanea*, sua autobiografia, depois de vivenciar cinco aparições à sua direita do Cristo crucificado. Tendo isto como um alerta a corrupção que o cercava e um chamado para disseminar a palavra de Deus aos infiéis e pecadores, Llull desnudou-se de seus bens e iniciou sua vida missionária.

⁴ Com crescimento expansionista, a língua catalã tornou-se oficial para a comercialização e diplomacia no Mediterrâneo Ocidental e a escolha de Llull de estudar árabe em Maiorca e não em Paris, fez com que o autor escrevesse suas obras em catalão ao contrário de latim, como era habitual.

⁵ Ramón nascera em meio ao processo da conquista cristã de quase toda Espanha Islâmica. Entre os anos de 1226 a 1248, as possessões mulçumanas, que constituíram um terço de toda Península Ibérica, reduziram-se apenas ao pequeno regimento de Granada. Entretanto, como em todo o resto da Espanha, a população da Coroa de Aragão e das demais regiões conquistadas, misturou-se. (HILLGARTH, 1996, p. 967).

⁶ Sobretudo as grandes cidades de Barcelona, Valência e as Ilhas Baleares, que se constituíam em Maiorca, Ibiza e Formentera.

⁷ Ramís I Serra dedica-se a argumentar sobre as relações entre ideologia e utopia nas obras lulianas (1991, p.01-02). O autor discute a utopia como mecanismo que possibilita a clareza nas reflexões, para uma crítica construtiva em meio a realidade em crise; sendo a utopia luliana prospectiva da unidade cristã e da crítica a multiplicidade religiosa-social. “Lo mismo que em el aspecto teórico toda la especulación filosófica estaba al servicio de la contemplación amorosa de Dios, po esencia utópico, pues no tiene ubicación, y ucrónico, pues está allende el tiempo, [...]”.

⁸ Em vida Llull trabalhou ativamente para dar início há reforma em sua sociedade. Sendo sua preocupação principal a salvação de todos, propunha a participação ativa dos príncipes cristãos e de todos os segmentos sociais, desde mercadores, artesãos, marinheiros até cavaleiros e clérigos. Está necessidade de uma reforma interna exigia, “en el más profundo sentido bíblico del término, un cambio de vida, un cambio total de la escala de valores em la cristandade desde la cabeza a los pies” (DOMÍNGUEZ REBOIRAS, 1987, p. 03). Llull expressa sua constante luta para conseguir que a cristandade se de conta de que há de se trabalhar pelo “ordenamento do mundo” e buscar “a forma como Deus foi mais amado”.

⁹ Faz-se importante salientar que Llull não era defensor da tolerância religiosa. Os métodos de sua *Arte* circunscreviam-se em seu objetivo de unidade cristã, onde o diálogo com outras religiões se constituía como caminho para seu ideário sócio religioso de unificação. Esta discussão encontra-se aprofundada nos trabalhos de DOMÍNGUEZ REBOIRAS (1987), RAMÍS I SERRA (1991) e PARDO PASTOR (2004).

¹⁰ Diferentemente de outras lulianas, *Félix* não possui os objetivos de conversão tão característicos do pensamento de Ramón, pois sua escrita foi destinada ao mundo cristão. Com aspectos reformistas, morais e didáticos, suas críticas destinam-se aos que possuem as “rédeas” do poder, príncipes, eclesiásticos e nobres burgueses. (COSTA, 2009, p. 14).

¹¹ A Idade Média estabeleceu com o imaginário animal uma intrínseca relação que produziu obras ímpares no âmbito literário. Contendo princípios didáticos e morais em suas linhas, os Bestiários estruturavam-se em pequenas narrativas que aludiam para o modo de significação característico do medievo: nele os animais transformavam-se para se assumirem como *exempla*, isto é, como símbolos de vícios ou virtudes e fonte de ensinamentos religiosos e morais (VARANDAS, 2006, p.01). A herança bíblica forneceu os pilares para tradição bestiária por creditarem grande importância à leitura simbólico-alegórica das revelações divinas.

¹² O século XII vivenciou o crescimento da produção textual por meio da formalização da oralidade em textos e gêneros latinos e temas como, por exemplo, o *maravilhoso* ressurgiu delimitado sobre a perspectiva bíblica e evangélica. A esta literatura, Umberto Eco (2010, p.491) elenca quatro tipologias principais: 1) a narração de viagens; 2) a hagiografia; 3) a visão do Além e 4) o imaginário natural. A este

último, Eco o conceitua como “baseado principalmente em *Physiologus*, que ilustra os significados espirituais dos animais e das plantas, este tipo de imaginário, depois sistematizado nos bestiários da baixa Idade Média, irá exercer profunda influência na arte e na literatura europeias”. Mesmo que, como ressalta Jiménez (2010, p.321), Llull não tenha sido incluído no movimento literário que se originou da recuperação das tradições classicistas, compreendemos o *El libro de las Bestias* inserido nesta perspectiva do imaginário natural, ainda que Ramón não tenha sido adepto da filosofia humanista.

¹³ Considerado rei dos animais, atribui-se ao Leão a justiça, nobreza e magnitude. É também companhia de reis, os quais reúnem em suas cortes alguns desses animais como símbolo de força e poder. (PASCUAL, 1996, p. 280).

¹⁴ Llináres observa que a monarquia eleita não é algo estranho na tradição política medieval, pois a eleição deu o passo para a dinastia dos Capetos, no século X. (JÍMENEZ, 2010, p.326).

¹⁵ O século X trata consigo os primeiros sinais de mudanças na sociedade feudal, e a estes sinais, a “agrariação” da economia rural incida uma nova configuração nos sistemas alimentares das diferentes classes sociais. As camadas mais baixas perdem, entre 1050 e 1280, a variedade alimentícia que os particulariza na Alta Idade Média. “Cada classe social se apropria de uma parte desigual do conjunto dos recursos agrários, silvícolas e pastoris da cidade. Cada uma lhes atribui valores diferentes e os combina à sua maneira, para constituir seu próprio sistema alimentar” (RIERA-MELIS, 1998, p.394). À nobreza, além da carne, pão e vinho, completavam sua mesa ovos e queijo, carne nos dias normais e peixes nos períodos de penitência.

¹⁶ As relações que se constroem entre senhor e vassalagem são hierárquicas e consolidadoras do poder feudal. Ao saírem do reino animal e prostrarem-se seus serviços aos homens, o Cavalo e o Boi rompem esses laços de vassalagem em detrimento dos abusos senhoriais e pelo desejo de vingança. Entretanto, o reino dos homens não corresponde ao ideal de que o senhor deve proteger e vingar seus vassalos. (RAMÍ SERRA, 1991, p. 153).

¹⁷ Pautando-se na genealogia animal presente nos bestiários catalães, o Leopardo é símbolo de justiça, magnitude e nobreza. (PASCUAL, 1996, p. 281).

¹⁸ Assim como o Leão, a Onça é outra besta que, no Fisiólogo, representa alegoricamente a divindade da figura de Cristo. Era também associada ao poder no Antigo Egito, em locais da Ásia Central, Ásia Menor e Oriente Médio. (PASCUAL, 1996, p. 323).

¹⁹ Ao chegarem à corte do rei dos Homens, os embaixadores depararam-se com “mujeres mundanas em presencia de los transeuntes que entran y salen de la ciudad”. Encontram um cidadão injuriado com a corrupção que circundam as esferas da Corte, a avareza, a luxúria e os abusos que percorrem seus salões. Ouviram descrições de um rei caçador e amante de mulheres, de costumes vis. “Paréceme que el aqui gobierna y los que em esta ciudad viven han de ser muy dados a la lascívia, [...]” (LLULL, 1983, p.51-61).

²⁰ Depois de dada sua submissão ao reino dos Homens, o Boi, com medo de ser abatido para consumo, foge e retorna ao reino das Bestas pedindo misericórdia a seu rei. Com as influências de Dona Raposa, é reinserido na corte dos animais. Nos antecedentes que permeiam a visita embaixada, alerta o rei Leão para os perigos que a inimizade com o rei dos Homens pode resultar, por se tratar de um indivíduo mal, poderoso e hábil. (LLULL, 1983, p. 44). Llull possuía experiências próprias sobre a índole dos homens. Em vida foi alvo constante e duras críticas por parte de príncipes e bispos e, em sua estadia parisiense, compreendeu as dificuldades de se fazer ouvir, sendo tachado de louco e tendo suas propostas consideradas utópicas. (DOMÍNGUEZ REBOIRAS, 1987, p. 10). Hillgarth (1996, p. 969) contesta esta visão do pensador maiorquino excêntrico solitário e utópico, enfatizando o conhecimento de Llull das mudanças políticas papal.

²¹ Llull conhece bem o mundo da cultura trovadoresca. Enquanto *senescal* na corte de Jaime II, o maiorquino dedicou-se a composição dos poemas trovadorescos, sendo durante a escrita de um deles a uma cortesã, presenciou a visão do Cristo crucificado, visões estas que motivaram sua conversão.

²² Os métodos de Llull baseiam-se principalmente na estrutura atual da realidade. Sendo sua preocupação central era a salvação das almas, a *Arte* luliana vai enfatizar em seu método os atributos divinos como bondade, grandeza, eternidade, elementos que unem as religiões judaica, islâmica e cristã por partilharem de tais propriedades. (PARDO PASTOR, 2004, p. 45).

²³ Bem empregada, a palavra equivalia a uma prática de poder na sociedade medieval. No cristianismo, a crença no poder das palavras, sobretudo de Deus, que é como uma “espada” traz consigo um caráter simbólico. Como cita Hilário Franco Junior “o poder da palavra era visto como algo efetivo, daí por que a sociedade medieval tinha vasto campo semântico”. (FRANCO JUNIOR, 2010, p. 108-110).

²⁴ De acordo com Pascual (1996, p. 404) o Elefante contém, em todos os textos medievais, uma simbologia positiva, favorecida, possivelmente, pelo exotismo que poderia representar. É também o animal que a maioria das propriedades representa, como castidade, pureza, força e humildade.

Entregue em 31 de maio de 2018 e aceito em 30 de março de 2019.